

PIATA / PLAKAFOR

FMS	CFM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Correio da Bahia		
Data		
0107.91		
Caderno	Página	
Aqui Salvador	1	
Seção		
Assunto		
Bairro		
(Plakafor)		

segunda-feira, 01 de julho de 1991

PLAKAFOR

CORREIO DA BAHIA

3

Fotos de Antenor Pereira



A tranquilidade nas ruas de Plakafor lembra o período em que o local era habitado apenas por veranistas. Hoje, o bairro cresceu e se tornou um grande loteamento

Um lugar onde o 'veraneio' fixou residência



Praias, tranquilidade e
boa localização atraíram
moradores da classe média

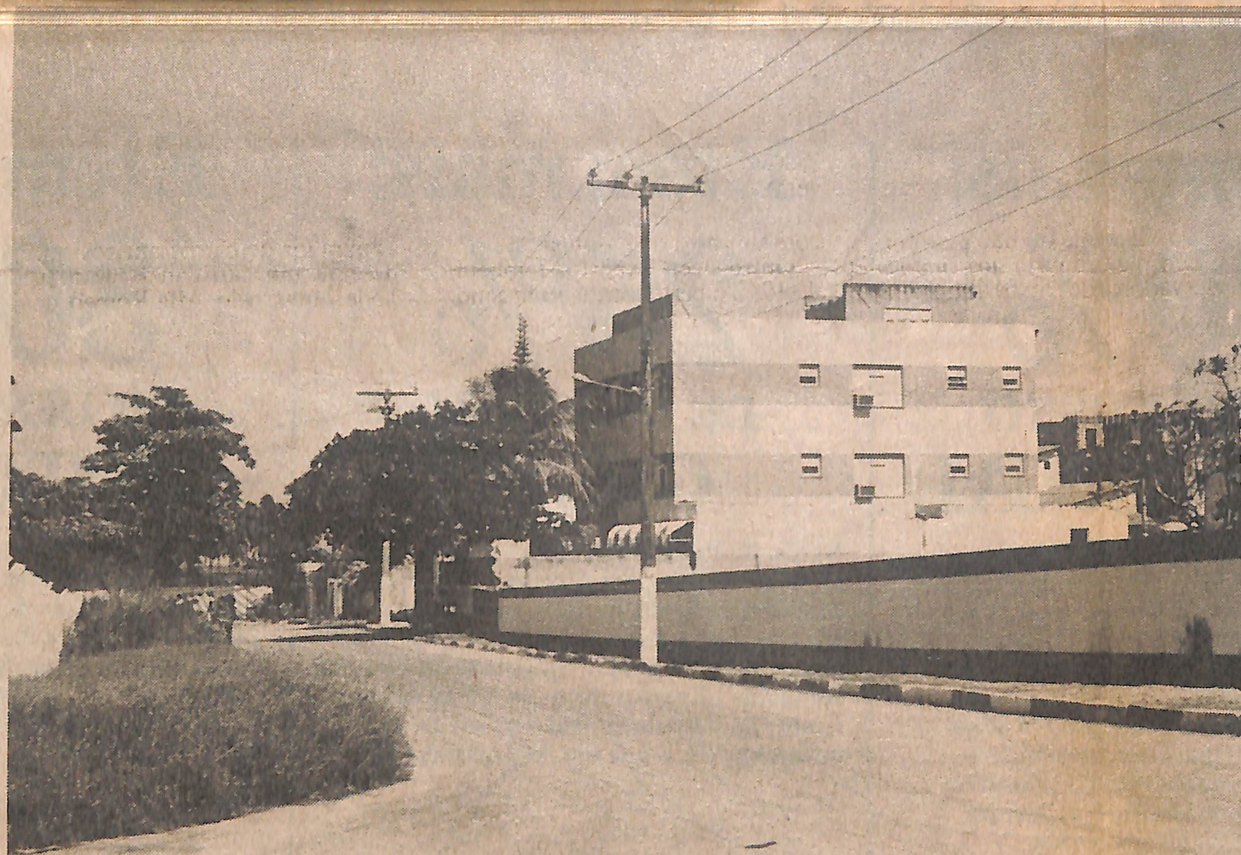
Localizado entre duas praias famosas e badaladas — Piatã e Itapuã — o bairro de Plakafor possui as qualidades de um bom lugar para se morar. Tem uma boa área comercial, fica de frente para o mar e é bastante tranquilo. Mas, a sua situação privilegiada, como a de todos os bairros da orla marítima, fez com que ele deixasse de ser um local típico de veraneio para se tornar um grande loteamento residencial, onde a falta de segurança e de urbanização têm colocado em risco a, até então, harmoniosa vida dos seus moradores.

Segundo moradores antigos, a origem do nome Plakafor veio do fato de que há muito tempo havia nas adjacências uma placa enorme com a propaganda da marca de automóveis Ford. Como ela servia de referência para quem fosse à orla de Itapuã, o linguajar popular tratou de unir as duas palavras originando o nome do bairro como Plakafor.

Por esta época, no entanto, pouca gente conhecia a história do lugar. Há uns 14 anos o bairro de Plakafor era o Sítio Paribamba, pertencente ao pescador Manoel Galiza, que doou terrenos a algumas famílias, que timidamente começavam a invadir suas terras. Com o passar do tempo ele mesmo tratou de lotear todo o sítio, dando início, assim, à formação de uma nova comunidade à beira do mar.

Fachada — Hoje, quase 90% das pessoas que residem por lá não são mais das antigas famílias pobres. O bairro é tipicamente de classe média alta, que ocupa casarões, villages, apart-hotéis, condomínios fechados e usufrue de uma infra-estrutura suficientemente autônoma do centro da cidade. As padarias, mercadinhos, escolinhas e farmácias o tornaram um bairro de características residenciais e a sua “fachada”, composta por hotéis, restaurantes e casas noturnas, fizeram também do lugar um ponto turístico.

Gente que já conhecia o bairro através de amigos e familiares e que está pensando em fixar residência em Plakafor, chega cheia de entusiasmo. É o caso do advogado José Araújo, que começou a construir a casa onde vai morar quando casar, na Rua Guaraçaima, próxima ao Loteamento Jardim Piatã. “Embora a vida noturna atrapalhe um pouco o sossego, não encontro aqui problemas de bairros grandes como a favelização e a violência”, disse ele, explicando sua satisfação com o lugar. Porém, José Araújo concorda que pelo fato do bairro estar se expandindo, os moradores são obrigados a conviver com certas deficiências como a lama, a poeira e ruas sem nenhum calçamento.



Os antigos hotéis tentam resistir aos flats, e as opções de serviços proliferam

Duas realidades ‘urbanas’

Por ser um bairro relativamente novo e ter surgido sem nenhum planejamento, motivado por uma intensa especulação imobiliária, Plakafor enfrenta problemas urbanísticos que parecem sem solução a médio prazo. Quem mora na parte da frente não tem muito do que reclamar: as ruas são asfaltadas, há iluminação, não falta água e é beneficiado com o policiamento feito na orla. Conhecendo-se um pouco mais o “miolo” do bairro, a estória de lugar bem-comportado muda com as muitas queixas dos

moradores.

A maioria das ruas é esburacada, enlameada, pois não é asfaltada. No Verão, o excesso de poeira incomoda os moradores. Por causa do desenvolvimento desordenado, há ruas com nomes e números repetidos, sem contar que a iluminação não chega também em algumas casas. Contudo, os moradores aproveitam as vantagens de residir num lugar calmo, onde o pouco verde e a brisa do mar ventilam as casas e mantêm os ares de vera-

neio no bairro o ano todo.

O comerciante Antônio Barbosa, que vive há dez anos em Plakafor, ainda gosta de manter o hábito de ficar na porta de casa conversando com os amigos e conhecidos que acompanharam com ele o surgimento do bairro. “Aqui morava muita gente humilde que já foi embora. Mesmo que o progresso tenha favorecido quem ficou, por outro lado nos deixou consequências ruins, como a ausência de policiamento, tornando o local perigoso à noite”, observou.

Invasão de villages e flats

A invasão de Plakafor por residências de moradia fixas e a construção de vários apart-hotéis, villages e flats motivaram a queda do nível de ocupação dos seis hotéis localizados no bairro. Se antes o lugar era considerado primitivo, possuindo as riquezas naturais de uma parte da orla marítima de Salvador pouco freqüentada tanto por turistas quanto pela população local, a exploração comercial, com o aparecimento de outros hotéis ao longo da orla, principalmente nas grandes praias concorrentes — Jaguaribe, Piatã e Itapuã — abalou bastante as finanças da rede hoteleira nativa.

O hotel mais antigo de Plakafor, o Itapuã Praia Hotel, por exemplo, era o ponto de referência de turis-

tas e moradores dos bairros centrais da cidade para veranejar na alta estação. Hoje, após 14 anos de inaugurado, o hotel, a gerência enfrenta o pesadelo de não conseguir manter nem uma ocupação de 100% na época do Verão, quando faltam vagas nos principais hotéis da capital. Além da concorrência com os outros hotéis, a direção afirma que os planos econômicos do governo também obrigaram à formulação de um marketing ca-seiro, com o objetivo de atrair os turistas. Para tentar manter seus 50 apartamentos e 24 suítes ocupados, a gerência fez convênios com agências de turismo de outros estados e mantém fiel a antiga clientela que passava os finais de semana no hotel só para conhecer a paisagem rústica da Praia de Plakafor.

QUEM/Aurelina Fonseca

Uma opção de vida

Ela se orgulha de ter criado metade dos 10 filhos na beira da praia e pretende não sair mais de Plakafor

Aos 52 anos, a dona de casa Aurelina de Jesus Fonseca sente uma enorme satisfação de ter criado a metade dos seus 10 filhos quase na beira de praia. Já morou em Itapuã, mas foi em Plakafor, há 12 anos, que encontrou a tranquilidade para continuar cuidando dos filhos e dos netos. Quando ela veio morar no lugar já encontrou 20 famílias “pioneiras”, que, como a dela, asentaram suas casas no Sítio Paribamba numa época em que a orla estava sendo desbravada.

Dona Aurelina é uma das poucas pessoas que ainda conserva a sua origem humilde. No meio de todos os casarões que tomaram conta de Plakafor, sua casa ainda está sendo rebocada. Ela morava numa das ruas principais do bairro, mas foi levada por um corretor a aceitar um outro terreno, localizado numa das ruas finais do bairro, de frente para um brejo. Se não fosse as condições ruins



de moradia, Aurelina Fonseca afirma que teria pouco do que se queixar do lugar onde resolveu passar o resto de sua vida. “Cada qual vive na santa paz, não há brigas entre vizinhos e, como toda boa baiana, não poderia deixar de agradecer a Deus a oportunidade de ter o mar tão perto assim”, disse ela.